

Agricultura urbana no Baixo Onça: cultivando uma região mais produtiva, solidária e sustentável

Lorena Anahi Fernandes da Paixão
Marcelo Oliveira de Almeida

Vista do Ribeirão do Onça e do bairro Ribeirão de Abreu

A cidade de Belo Horizonte está inserida na bacia hidrográfica do Rio das Velhas, um dos maiores afluentes do Rio São Francisco. Duas sub-bacias atendem à cidade: a do Ribeirão Arrudas e a do Ribeirão Onça, sendo o segundo o principal curso d'água que separa as regiões norte e nordeste do município e também o maior poluente do Rio das Velhas. Este texto trata das iniciativas desenvolvidas por algumas famílias de bairros localizados na parte baixa da bacia hidrográfica do Ribeirão Onça, chamada de Baixo Onça, que demonstram a importância de incorporar a agricultura no planejamento das ações de melhoria da qualidade de vida nas grandes cidades.

A região do Baixo Onça é uma zona de ocupação recente na capital mineira. Trata-se de uma das mais novas frentes de expansão do município, um espaço que, nas últimas décadas, cresceu de forma rápida e precária. A grande desigualdade social e econômica entre os habitantes de Belo Horizonte se expressa nas condições dos bairros da região, que se deterioraram ainda mais em função dos sérios problemas de infraestrutura, como limitações nos serviços de transporte, falta de vias de acesso e tráfego entre bairros e ocupação irregular em áreas de risco às margens do Ribeirão Onça. Muitos(as) moradores(as) se encontram em situação de insegurança alimentar e nutricional, com dificuldades de acesso ao trabalho formal, baixa renda e elevado índice de vulnerabilidade à saúde. O alto grau de poluição verificado no Ribeirão Onça é responsável pela precarização das condições de vida das famílias que habitam as suas margens, deixando-as vulneráveis às frequentes enchentes, doenças e outros problemas sociais decorrentes da degradação ambiental, da intensa urbanização e das atividades industriais.

Deixem o Onça Beber Água Limpa

Em 2007, buscando enfrentar esses desafios, o Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu (Comupra)¹ iniciou um trabalho à frente do movimento *Deixem o Onça Beber Água Limpa*. Na concepção do Comupra, o Ribeirão Onça é um eixo que liga todas as comunidades da região e, sendo assim, a qualidade do curso d'água reflete a qualidade de vida das pessoas. O movimento abrange mais de 10 bairros do Baixo Onça e conta com a participação de mais de 50 entidades da sociedade civil e do poder público. Essas organizações atuam em parceria, construindo estratégias de revitalização ambiental e social da região.

Entre as propostas voltadas para promover as transformações socioambientais e garantir os direitos da população, estão as atividades de agricultura urbana. Mesmo num con-

texto de alta vulnerabilidade socioambiental, moradores(as) lançam mão dos recursos disponíveis localmente e ocupam diferentes tipos de espaços para produzir e beneficiar produtos agrícolas e animais. O interesse e o conhecimento dos(as) moradores(as) dessa região sobre as técnicas de cultivo, coleta e uso das plantas podem ser associados ao fato de que a maioria dessas pessoas vieram de cidades do interior onde praticavam agricultura. Com criatividade, adaptam seus conhecimentos ao contexto local, com destaque para as experimentações de plantio em pequenos espaços. As áreas utilizadas diferem bastante entre si, seja no tamanho, nas características do relevo ou no regime de propriedade (público ou privado).

A exemplo do que acontece em outras cidades, na região do Baixo Onça a maioria das práticas de agricultura são espontâneas e individuais, realizadas principalmente no âmbito doméstico. No entanto, quando inseridas em redes locais e dinâmicas comunitárias, amplia-se a capacidade de otimização dos recursos, de convergência de ações e de construção de propostas coletivas para reivindicar os direitos que não vêm sendo garantidos e incidir na elaboração de políticas e programas públicos.

Em 2009, a partir do diálogo entre a organização não governamental Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (Rede), o Comupra, os(as) agricultores(as) urbanos(as) e as organizações de apoio à agricultura no Baixo Onça, intensificou-se o planejamento coletivo das ações a serem desenvolvidas na região, assim como o trabalho de fortalecimento das práticas agrícolas que já existiam e a implementação de novas experiências.

Desde então, são conduzidas ações de qualificação dos sistemas produtivos individuais (quintais) e coletivos (grupos comunitários), por meio do acompanhamento que incorpora elementos formativos, organizativos e técnicos, baseados nos princípios da Agroecologia. As atividades de assessoria compreendem momentos específicos com cada grupo e momen-

¹ O Comupra é uma associação comunitária sediada no bairro Ribeiro de Abreu, localizado na parte baixa da bacia hidrográfica do Ribeirão Onça.



Antes: mutirão de preparação da área para iniciar a horta comunitária do Grupo Frutos da União, no bairro Conjunto Ribeiro de Abreu

tos coletivos, que visam à troca de experiências e de conhecimentos entre os(as) agricultores(as) e técnicos(as). Entre as atividades coletivas, destacam-se as oficinas, os mutirões, os intercâmbios e os cursos, além dos encontros *Saberes e Sabores*, realizados trimestralmente com a participação de organizações locais, grupos produtivos e famílias, no intuito de avaliar e planejar as ações de agricultura urbana na região.

Nos últimos anos, 60 famílias se organizaram em oito grupos produtivos na região do Baixo Onça e, estando inseridas em dinâmicas coletivas, produzem alimentos agroecológicos. Estima-se que outras 300 pessoas se beneficiam diretamente do trabalho, por meio da participação pontual em atividades ou da compra de alimentos frescos e saudáveis.

As várias funções da agricultura na cidade

No Baixo Onça, são múltiplas as motivações que levam as pessoas a praticarem agricultura urbana, sendo os seus efeitos percebidos em diversas dimensões da vida social. A seguir, descrevemos os resultados e avanços mais expressivos da agricultura urbana na região.

Organização popular e articulação em rede

O fato de as atividades de agricultura urbana serem realizadas com o apoio e o envolvimento de diversos parceiros locais, sobretudo no âmbito do movimento *Deixem o Onça Beber Água Limpa*, proporciona a agricultores e agricultoras a oportunidade de (re)conhecimento e participação em ações relacionadas a outras temáticas, como segurança, habitação, esporte, lazer e cultura. Esse contexto favorece que as pessoas exercitem um olhar crítico da realidade, identificando os desafios e os potenciais que seu território possui para o desenvolvimento local sustentável.

Além das parcerias e articulações firmadas na região, os(as) agricultores(as) do Baixo Onça estabeleceram dinâmicas coletivas de maior abrangência, por meio da participação na Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana (AMAU).² Já nos âmbitos estadual e nacional, participam frequentemente de eventos, seminários, conferências, encontros e intercâmbios que abordam temáticas como Agroecologia, agricultura urbana, segurança alimentar e nutricional, combate ao uso de agrotóxicos, economia popular e solidária, gênero, dentre outras que estão relacionadas com suas práticas diárias.

Saúde e segurança alimentar e nutricional

No campo da promoção da saúde e da segurança alimentar e nutricional, constata-se que a diversificação dos cultivos nos quintais e nos sistemas produtivos coletivos, assim como as mudanças nos hábitos alimentares e a produção alimentar, proporcionam às famílias o acesso a uma maior diversidade de alimentos – e, conseqüentemente, de nutrientes e vitaminas –, além de contribuir para a diminuição

²Ver artigo sobre AMAU na página 23



Depois: horta comunitária do Grupo Frutos da União após os cultivos

ção do consumo de produtos contaminados por agrotóxicos.

A diversidade de espécies cultivadas na região pôde ser verificada com a realização, durante o ano de 2011, de um trabalho de monitoramento da produção de 19 experiências, sendo 16 quintais e três grupos produtivos. O monitoramento permitiu, por amostragem, identificar quais são as principais culturas existentes no Baixo Onça, quantificar o volume da produção de cada uma delas e os principais destinos dessa produção, ressaltando a diversidade cultivada nos quintais e grupos estudados: 26 espécies de folhosas, principalmente couve, cebolinha, salsa, alface e mostarda; 33 espécies de legumes, com destaque para tomate, chuchu, pimenta, abobrinha e quiabo; 35 espécies de frutas, principalmente mexerica, lima, maracujá, banana e limão; 71 espécies de plantas medicinais; e 6 espécies animais (gado bovino, galinha, peru, patos, codornas e peixes).

Vale ainda destacar a função terapêutica que a prática da agricultura desempenha, pois são frequentes os relatos de pessoas que afirmam que mexer com a terra e com as plantas ajuda no combate à depressão e ao estresse. Além disso, de acordo com os de-

poimentos dos(as) moradores(as), a participação nas atividades de formação, nos intercâmbios e nos momentos de trocas de experiências é muito importante para valorizar o seu conhecimento e elevar a autoestima.

Também é possível perceber o efeito da agricultura urbana na sociabilidade de quem se envolve com o trabalho. Frequentemente, as pessoas, principalmente as mulheres, alegam que mudaram o seu comportamento tanto no âmbito familiar quanto no comunitário, deixando de lado a timidez e passando a se posicionar e se expressar em público com mais facilidade.

Relações sociais de gênero

Outra constatação sobre as atividades de agricultura urbana desenvolvidas na região refere-se à participação predominante das mulheres. Dessa forma, a agricultura urbana se mostra uma importante ferramenta de mobilização, uma vez que estabelece um diálogo direto com sua prática diária e amplia as possibilidades de fortalecer o protagonismo das mulheres em espaços coletivos e políticos, ao mesmo tempo em que proporciona a reflexão sobre a divisão dos papéis assumidos por homens e mulheres na vida social.

Nos quintais e grupos produtivos em que elas estão à frente, os cultivos mais comuns são de plantas medicinais e frutas. Avalia-se que dois fatores são determinantes para essa predileção: as mulheres são as principais responsáveis pela alimentação e saúde de suas famílias; e o manejo de frutas e plantas medicinais, comparado ao da produção de hortaliças folhosas, por exemplo, é mais fácil e demanda menos tempo de dedicação, já que muitas dessas mulheres acumulam outros trabalhos. Diante dessa situação, destacam-se as ações de qualificação do

manejo nas *farmácias vivas* e as oficinas de boas práticas de preparação de remédios caseiros com o beneficiamento de plantas medicinais.

Geração de renda

O principal destino da produção agrícola no Baixo Onça é o autoabastecimento das famílias. No entanto, verifica-se que muitos alimentos são doados, trocados e comercializados na região. Além da renda indireta proporcionada pela redução da quantidade de alimentos comprados no comércio, a venda dos produtos da agricultura urbana tem sido importante para a complementação da renda das famílias e para a sustentabilidade financeira de alguns grupos produtivos, que frequentemente têm gastos com manutenção e aquisição de ferramentas e equipamentos. A comercialização acontece nas hortas e quintais, de porta em porta (com carrinho de mão) e por encomenda, principalmente para os(as) moradores(as) do entorno de onde os

alimentos são produzidos, beneficiando essas famílias com produtos agroecológicos, frescos e de qualidade.

Desde o final de 2011, o grupo *Frutos da União* e o *Coletivo de Quintais* têm experimentado uma nova forma de comercialização, fornecendo alimentos para a *Rede de Produção e Consumo Terra Viva*. A Rede Terra Viva busca organizar a produção, a compra, a venda e a troca de produtos agroecológicos e da economia popular e solidária, promovendo assim a aproximação entre grupos de consumidores(as) e grupos de produtores(as) da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).

Qualificação ambiental

A transformação de áreas abandonadas, utilizadas para descarte de lixo e entulho, em espaços produtivos, com o cultivo de alimentos e plantio de mudas de árvores, é outra iniciativa presente no Baixo Onça que contribuiu para a melhoria do ambiente local. Esse foi o motivo que impulsionou o *Grupo Bem-me-quer: passa fome quem quer*, composto integralmente por mulheres, a trabalhar com agricultura urbana no bairro *Conjunto Paulo VI*. Uma área pública no fundo de suas casas estava com grande acúmulo de lixo e entulho, o que favorecia a proliferação de ratos e insetos vetores de doenças e era alvo de constantes queimadas, colocando em risco a estrutura das residências. Por meio de mutirões, o grupo realizou um trabalho de limpeza, cercamento e plantio de árvores frutíferas e hortaliças, contornando a incômoda situação.

Além das ações de caráter produtivo, os(as) agricultores(as) urbanos(as), individual ou coletivamente, desenvolvem atividades de qualificação ambiental em áreas públicas da região, como limpeza de lotes baldios que acumulam lixo e entulho; plantio de árvores em áreas degradadas e na beira do rio; revitalização de jardins; e preservação de nascentes d'água.



Cachoeira do Ribeirão Onça localizada no bairro Ribeiro de Abreu



Acima: Feira de trocas realizada durante o Encontro Saberes e Sabores

Ao lado: Curso de boas práticas na produção, manejo e beneficiamento das plantas medicinais



em vários obstáculos que dificultam a consolidação e a ampliação dos trabalhos com agricultura urbana na região. Citamos abaixo os principais:

- *Acesso à terra (espaços produtivos) e aos recursos naturais*

Os(as) agricultores(as) que desenvolvem suas atividades agrícolas em áreas públicas ou em locais privados cedidos pelos proprietários geralmente não possuem nenhuma garantia de permanência nesses espaços, ficando dependentes da boa vontade dos donos ou responsáveis pelos terrenos. Na região do Baixo Onça, há vários casos de grupos produtivos que se desmobilizaram devido à impossibilidade de continuar a produzir em espaços públicos, como escolas, creches, centros de saúde e vazios urbanos (áreas onde não se pode construir, como num canteiro central, debaixo de redes elétricas, etc.). Outro desafio relativo ao acesso e à garantia da terra é a redução acelerada dos espaços agricultáveis na região, devido à expansão urbana e ao aumento da população, ocasionado pela expulsão de pessoas de baixa renda das áreas centrais para as áreas periféricas do município.

Assim como em outras regiões de Belo Horizonte, os recursos naturais disponíveis no Baixo Onça estão a cada dia mais escassos, e os fragmentos de vegetação nativa que ainda existem não são manejados adequadamente por seus proprietários (seja o Estado ou particulares) e estão ameaçados pela expansão urbana.

A adoção de práticas agroecológicas nos sistemas produtivos e as intervenções realizadas nas áreas públicas também proporcionam a manutenção da biodiversidade; o uso responsável dos recursos naturais; a vitalidade do solo; o cuidado e o reaproveitamento da água; a regeneração de áreas degradadas; a permeabilidade do solo; o controle de pragas e animais vetores de doenças; e o aproveitamento de resíduos orgânicos para a produção de compostos e alimentação dos animais, evitando que esse resíduo seja destinado aos aterros sanitários.

Desafios enfrentados

Apesar de os avanços observados serem bem significativos, os agricultores e agricultoras do Baixo Onça esbarram

- **Comercialização**

Manter o volume e a constância da produção tem sido um dos desafios encontrados pelos agricultores e agricultoras do Baixo Onça para fazer da comercialização uma fonte de renda estável, uma vez que é preciso que os grupos e famílias tenham uma produção certa e regular para vender em pontos fixos e canais de comercialização permanentes.

Para comercialização dos produtos em outras regiões do município, a exemplo do que acontece por meio da Rede de Produção e Consumo Terra Viva, a principal dificuldade enfrentada pelos(as) agricultores(as) está relacionada ao transporte, uma vez que a rede não dispõe de um sistema de recolhimento dos produtos.

- **Rotatividade do público**

Outro desafio encontrado pelas famílias para o fortalecimento da agricultura urbana na região se refere ao afastamento das pessoas das atividades, mesmo contra a própria vontade. São diversos os motivos atribuídos a esse fato, como a dinâmica de ingresso/saída no mercado de trabalho; a necessidade de dedicar mais tempo e cuidado a outras atividades e funções (lar, doença, filhos, gravidez, etc.); problemas de saúde; impossibilidade de continuar a plantar em determinada área; dentre outros.

A rotatividade do público compromete o trabalho, uma vez que dificulta a implementação de processos sociais que levam mais tempo para obter efeitos. Além disso, é comum a saída de pessoas que acumulam conhecimentos e que desempenham um importante papel de mobilizadoras e incentivadoras do trabalho. Para tentar contornar essa situação no Baixo Onça, a assessoria aos grupos e famílias que desejam obter renda por meio da agricultura urbana tem buscado fazer com que essas pessoas tenham na prática agrícola uma opção que garanta a sua permanência na atividade de sua escolha.

Considerações finais

Os efeitos positivos das ações de agricultura urbana desenvolvidas no Baixo Onça têm animado e despertado o interesse de vários(as) moradores(as) e organizações na região. Entretanto, para consolidar as iniciativas que já existem e ampliar para outras áreas, é necessário continuar buscando formas de garantir às famílias e grupos pro-

dutivos assessoria técnica, na perspectiva da Agroecologia; acesso e segurança de permanência nos espaços de produção; e apoio na capacitação e gestão dos grupos e organizações.

A dificuldade de acesso às poucas políticas e programas públicos que apoiam as práticas de agricultura urbana é outro grande desafio encontrado pelas famílias e organizações da região do Baixo Onça. Devido à relação dessas práticas de agricultura com diferentes setores do planejamento urbano (saúde, meio ambiente, abastecimento, trabalho, cultura, educação), faz-se necessário que os governos compreendam e considerem essa complexa intersectorialidade para atender as demandas e potencialidades específicas de cada região. Nesse sentido, é importante garantir a participação da sociedade civil nos espaços de construção e monitoramento das políticas, para que estas sejam elaboradoras de acordo com a realidade vivenciada pelas famílias e grupos.

Lorena Anahi Fernandes da Paixão
técnica da Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas
lorena@rede-mg.org.br

Marcelo Oliveira de Almeida
técnico da Rede Intercâmbio de Tecnologias Alternativas
marcelo@rede-mg.org.br